4. A prática da avaliação qualitativa

“O conhecimento científico é sempre uma busca de articulação entre uma teoria e a realidade empírica; o método é o fio condutor para se formular esta articulação”

(Minayo e Sanches, 1993, pág. 240)

O presente trabalho tem como metodologia a pesquisa qualitativa, já que esta responde questões muito particulares. Segundo Minayo (1994), a pesquisa qualitativa se preocupa com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

O objeto de estudo da abordagem qualitativa, de acordo com Minayo e Sanches (1993), é o nível de crenças e valores, que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana. Em outras palavras, o material primordial da investigação qualitativa é a palavra que expressa a fala cotidiana, seja nas relações afetivas e técnicas, seja nos discursos intelectuais, burocráticos e políticos. Nesses termos, a fala torna-se reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos (sendo ela mesma um deles), e, ao mesmo tempo, possui a magia de transmitir, através de um porta-voz (o entrevistado), representações de grupos determinados em condições históricas, socioeconômicas e culturas específicas (Minayo e Sanches, 1993).

4.1 Metodologia

Entende-se por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade (Minayo, 1994). Nesse sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas.

Neste capítulo é apresentada a metodologia utilizada para: (1) a construção da entrevista semiestruturada, que é um meio de coleta de dados onde o

entrevistador tem certa flexibilidade para condução da entrevista (Minayo, 1994); (2) a definição da amostragem; (3) a coleta de dados; e (4) a análise dos dados.

4.1.1. A Construção da Entrevista Semiestruturada

Um dos aspectos essenciais da pesquisa qualitativa consiste, de acordo com Flick (2009), na escolha adequada de métodos. São muitas as técnicas de coleta e análise de dados em uma abordagem qualitativa e, entre eles, a entrevista tem lugar de destaque neste trabalho.

A entrevista é uma das diversas formas de abordagem técnica do trabalho de campo numa pesquisa qualitativa; além disso, é um instrumento que oferece ao pesquisador contato direto com os integrantes do público-alvo da pesquisa. Dessa maneira, a entrevista possibilita abranger o problema investigado em suas múltiplas dimensões. A entrevista não significa uma conversa despreziosa e neutra, uma vez que se insere como meio de coleta dos fatos relatados pelos entrevistados, como sujeitos-objeto da pesquisa que vivenciam uma determinada realidade que está sendo focalizada (Flick, 2009).

Os métodos qualitativos, em especial as entrevistas, têm como objetivo ouvir detalhadamente aquilo que, em contextos naturais e da forma mais livre possível, os entrevistados têm a dizer (Nicolacci-da-Costa, 2006). Sendo assim, buscam conhecer as opiniões, as crenças, as experiências e os sentimentos, conscientemente explicitados pelos entrevistados em seus depoimentos.

Através dela, o pesquisador busca obter informações contidas na fala dos indivíduos. Segundo Portelli (1997), a palavra “entrevista”, em uma grande diversidade de situações, remete – incorretamente – à ideia de uma perspectiva unilateral. No entanto, “entre-vista”, como o próprio nome diz, comporta mais do que uma única perspectiva. Dessa maneira, a entrevista pode ser construída como um encontro social, cujas características, entre outras, seriam a empatia, a intuição e a imaginação. Nesse sentido, todas as entrevistas são formas especiais de conversação e, portanto, interativas.

De acordo com Minayo (1994), num primeiro nível, essa técnica se caracteriza por uma comunicação verbal que reforça a importância da linguagem e

do significado da fala. Já, num outro nível, serve como um meio de coleta de informações sobre um determinado tema científico. Sendo assim, através desse procedimento, podemos obter dados objetivos e subjetivos. Os primeiros podem ser também obtidos através de fontes secundárias, tais como censo, estatísticas e outras formas de registros. Em contrapartida, o segundo tipo de dados se relaciona aos valores, às atitudes e às opiniões dos sujeitos entrevistados.

Em geral, as entrevistas podem ser estruturadas e não estruturadas, correspondendo ao fato de serem mais ou menos dirigidas. Assim, torna-se possível trabalhar com a entrevista aberta ou não estruturada, onde o informante aborda livremente o tema proposto; bem como com as estruturadas, que pressupõem perguntas previamente formuladas. Há formas, no entanto, que articulam essas duas modalidades, caracterizando-se como entrevistas semiestruturadas. Nesta última, o entrevistador tem ampla liberdade para as perguntas ou para suas intervenções, permitindo toda a flexibilidade necessária em cada caso.

Sendo assim, é mais provável que os pontos de vista dos sujeitos entrevistados sejam expressos em uma situação de entrevista com um planejamento aberto do que em uma entrevista padronizada ou em um questionário (Nicolaci-da-Costa, 2006). Além disso, aquilo que é importante para alguém a respeito de um determinado tema ou assunto inevitavelmente aparece no seu discurso espontâneo sobre o mesmo (Nicolaci-da-Costa, 2006). Por essa razão, e por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o presente trabalho optou por elaborar uma entrevista semiestruturada, que se encontra em anexo.

No presente trabalho foi utilizada a entrevista semiestruturada visando o entendimento amplo do processo de avaliação neuropsicológica na prática de cada profissional. Para isso, foram criadas em torno de 16 perguntas com o objetivo de contemplar como cada profissional entende a avaliação neuropsicológica e como a conduz. Tais questões visam averiguar a importância da análise qualitativa na avaliação neuropsicológica, para cada profissional entrevistado. Seguem abaixo algumas perguntas que exemplificam a entrevista elaborada (Anexo 2):

1. Qual o objetivo da avaliação neuropsicológica?
2. Como é feita a avaliação neuropsicológica?
3. Como é feita a anamnese?

Quadro1: Modelo da entrevista semiestruturada aplicada aos psicólogos entrevistados.

4.1.2. Definição da Amostragem

Esta pesquisa foi realizada com 11 profissionais que fazem avaliação neuropsicológica, sendo oito destes da cidade do Rio de Janeiro, dois da cidade de Niterói e o último de Belo Horizonte. Quanto ao tempo de prática dos profissionais entrevistados, varia de 1 a 8 anos.

Vale ressaltar que a avaliação neuropsicológica é feita por psicólogos graduados com ou sem título de especialista, uma vez que uma das formas para obtenção do título é a comprovação da prática clínica por cinco anos ou mais nessa área.

Profissional	Cidade	Especialização	Tempo de Prática
1	Rio de Janeiro	Não	7 anos
2	Rio de Janeiro	Sim	2 anos
3	Niterói	Sim	2 anos
4	Rio de Janeiro	Sim	8 anos
5	Rio de Janeiro	Sim	6 anos
6	Belo Horizonte	Sim	8 anos
7	Rio de Janeiro	Não	4 anos
8	Rio de Janeiro	Não	3 anos
9	Rio de Janeiro	Sim	7 anos
10	Niterói	Sim	4 anos
11	Rio de Janeiro	Não	1 ano

Tabela 1: Definição da amostra dos profissionais entrevistados que fazem avaliação neuropsicológica

4.1.3. Coleta de dados

Para tornar possível a realização das entrevistas, foi assinado um termo de consentimento (Anexo1) cujo objetivo é informar os dados da pesquisa e garantir o sigilo da identificação.

Os profissionais foram indicados por colegas de profissão e contactados via *e-mail* e telefone. Após o primeiro contato, foram agendados dia e horário convenientes a cada profissional. No dia da entrevista, foi apresentado o termo de consentimento e então iniciada a entrevista semiestruturada.

As entrevistas foram gravadas, quando consentidas, e posteriormente transcritas.

4.1.4 Metodologia da análise dos dados

Com base em Minayo (1992), podemos apontar três finalidades para a etapa da análise dos dados: (1) estabelecer uma compreensão dos dados coletados; (2) confirmar ou não os pressupostos da pesquisa; e (3) responder às questões formuladas, e ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural da qual faz parte. A análise dos dados deste trabalho segue a proposta de análise desenvolvida por Minayo (1994):

1) Ordenação dos dados: neste momento, faz-se um mapeamento de todos dados obtidos no trabalho de campo. Aqui estão envolvidas, por exemplo, transcrição de gravações, releitura do material, organização dos relatos e dos dados da observação participante.

2) Classificação dos dados: nesta fase é importante termos em mente que o dado não existe por si só. Ele é constituído a partir de um questionamento que fazemos sobre ele, com base numa fundamentação teórica. Através de uma leitura exaustiva e repetida dos textos, estabelecemos interrogações para identificarmos o que surge de relevante. Com base no que é relevante nos textos, são elaboradas as categorias específicas. Nesse sentido, determinamos o conjunto ou os conjuntos das informações presentes na comunicação. Através da categorização foi possível a classificação dos dados desta pesquisa. A palavra “categoria” é um conceito que

abrange elementos com características comuns ou que se relacionam entre si (Minayo, 1994). Elas são empregadas para estabelecer classificações. Trabalhar com elas significa reunir ideias em torno de um conceito capaz de abranger tudo isso. Selltiz (1995) aponta três princípios de classificação para estabelecermos conjuntos de categorias. O primeiro se refere ao fato de que o conjunto de categorias deve ser estabelecido a partir de um único princípio de classificação. Já o segundo princípio diz respeito à ideia de que um conjunto de categorias deve ser exaustivo, ou seja, deve permitir a inclusão de qualquer resposta numa das categorias do conjunto. Por último, o terceiro se relaciona ao fato de que as categorias do conjunto devem ser mutuamente exclusivas, ou seja, uma resposta não pode ser incluída em mais de duas categorias. Segue abaixo uma ilustração do conjunto de categorias elaboradas no presente estudo:

Princípio de Classificação 1: Demanda (D)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>A principal queixa é dificuldade de aprendizagem.</i> 2. <i>Com certeza dificuldade de aprendizagem.</i> 3. <i>A principal queixa é dificuldade de aprendizagem.</i> 4. <i>[...] de um lado problemas acadêmicos e de outro, memória.</i> 5. <i>Dificuldade de aprendizagem e déficit de atenção.</i> 6. <i>queixa de memória</i> 7. <i>dificuldade de aprendizagem e memória</i> 8. <i>memória</i> 9. <i>A principal queixa é memória, esquecimento.</i> 10. <i>desatenção e queixa de aprendizagem escolar</i> 11. <i>déficit de atenção</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação "Demanda"	Porcentagem
a) Menciona apenas dificuldade de aprendizagem Respostas: 1,2 e 3	22%
b) Menciona dificuldade de aprendizagem associada à queixa de memória ou queixa de déficit de atenção Respostas: 4,5,7 e 10	36%
c) Menciona apenas queixa de memória Respostas: 6,8 e 9	27%
d) Menciona apenas déficit de atenção Resposta: 11	9%

Tabela 2: Tabela ilustrativa do princípio de classificação do conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

3) **Análise final:** neste momento, procura-se estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões da mesma com base em seus objetivos. Assim, se promove relações entre o concreto e o abstrato, o geral e o particular, a teoria e prática. Vale ressaltar que, como estamos apresentando um procedimento de análise qualitativa, nesta fase devemos tentar desvendar o conteúdo subjacente ao que está sendo manifesto. Sem excluir as informações estatísticas, a busca deve se voltar, por exemplo, para ideologias, tendências e outras determinações características dos fenômenos que estamos analisando. Ao se tratar de análise em pesquisa qualitativa, não se deve esquecer de que, apesar de mencionar uma fase distinta com a denominação “análise”, durante a fase de coleta de dados a análise já poderá estar ocorrendo.

A comparação entre o conjunto das categorias foi baseada, a princípio, no objetivo geral do presente trabalho, que visa averiguar a realização da análise qualitativa na avaliação neuropsicológica. Posteriormente, foi feita uma análise da demanda da avaliação neuropsicológica que cada profissional que participou deste estudo recebe na clínica. Abaixo uma ilustração da tabela comparativa entre os conjuntos de categorias construídas neste trabalho:

Princípios de classificação	Conjunto de Categorias	Percentual
D	1 - Menciona apenas dificuldade de aprendizagem	22%
	2- Menciona dificuldade de aprendizagem e queixa de memória ou déficit de atenção	36%
	3- Menciona apenas queixa de memória	27%
	4- Menciona apenas desatenção	9%

Tabela 3: Tabela comparativa do conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Demanda”

4.2. Resultados

A seguir são apresentadas as tabelas com os princípios de classificação com base nas respostas dos 11 psicólogos entrevistados e o conjunto de categorias referentes a cada princípio, assim como as respectivas porcentagens referentes a cada categoria. Na Tabela 4, observa-se que 36% das respostas apontam a dificuldade de aprendizagem associada à queixa de memória ou queixa de déficit de atenção como principal demanda da avaliação neuropsicológica. Em segundo

lugar, encontra-se apenas a queixa de memória, com 27% das respostas. A dificuldade de aprendizagem foi mencionada em 22% das respostas e, por último, o déficit de atenção com apenas 9 %.

Princípio de Classificação 1: Demanda (D)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>A principal queixa é dificuldade de aprendizagem.</i> 2. <i>Com certeza dificuldade de aprendizagem.</i> 3. <i>A principal queixa é dificuldade de aprendizagem.</i> 4. <i>[...] de um lado problemas acadêmicos e de outro, memória.</i> 5. <i>Dificuldade de aprendizagem e déficit de atenção.</i> 6. <i>queixa de memória</i> 7. <i>dificuldade de aprendizagem e memória</i> 8. <i>memória</i> 9. <i>A principal queixa é memória, esquecimento.</i> 10. <i>desatenção e queixa de aprendizagem escolar</i> 11. <i>déficit de atenção</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Demanda”.	Porcentagem
a) Menciona apenas dificuldade de aprendizagem Respostas: 1,2 e 3	22%
b) Menciona dificuldade de aprendizagem associada à queixa de memória ou queixa de déficit de atenção Respostas: 4,5,7 e 10	36%
c) Menciona apenas queixa de memória Respostas: 6,8 e 9	27%
d) Menciona apenas déficit de atenção Resposta: 11	9%

Tabela 4: Tabela do princípio de classificação “Demanda”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

Em relação à função principal da avaliação neuropsicológica (FPAN), observa-se na Tabela 5 que 36% mencionaram que avaliavam apenas o perfil cognitivo. Avaliando apenas o diagnóstico diferencial, foi mencionado 27% do total. Em relação ao diagnóstico diferencial associado à avaliação qualitativa, o percentual manteve-se o mesmo (27%). Já, mencionando apenas avaliação qualitativa, esse percentual diminuiu para 9%.

Princípio de Classificação 2: Função Principal da Avaliação Neuropsicológica (FPAN)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Ajudar no diagnóstico diferencial, entender o perfil cognitivo, ver as facilidades e dificuldades da criança.</i> 2. <i>Saber o perfil da habilidade cognitiva.</i> 3. <i>Avaliar as funções do indivíduo e como isso afeta o seu comportamento. E, aí, correlaciona com o diagnóstico.</i> 4. <i>Traçar o perfil cognitivo.</i> 5. <i>Verificar as funções principais que interferem muito na aprendizagem, ou seja, ver o perfil cognitivo.</i> 6. <i>Clarear o diagnóstico... vai ajudar o médico a chegar a um diagnóstico claro.</i> 7. <i>A avaliação neuropsicológica é um instrumento complementar que ajuda no diagnóstico.</i> 8. <i>Verificar o que está acontecendo no cérebro. Ver o perfil cognitivo desta pessoa.</i> 9. <i>O principal objetivo é identificar principais alterações. Ver funções preservadas e propor tratamento dentro do quadro que ele apresenta. O foco é a qualidade de vida destes pacientes.</i> 10. <i>Sua principal função é ajudar no diagnóstico diferencial.</i> 11. <i>Poder ajudar o médico a fazer um diagnóstico diferencial. Poder perceber se existem outros déficits associados que ainda não foram vistos. Ver amplitude destes déficits. Visando melhora da qualidade de vida.</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Função Principal da Avaliação Neuropsicológica”	Porcentagem
a) Menciona apenas diagnóstico diferencial Respostas: 6, 7 e 10	27%
b) Menciona apenas avaliação qualitativa Resposta: 9	9%
c) Menciona apenas perfil cognitivo Respostas: 2, 4, 5 e 8	36%
d) Menciona diagnóstico diferencial associado à avaliação qualitativa Resposta: 1, 3 e 11	27%

Tabela 5: Tabela do princípio de classificação “Função Principal da Avaliação Neuropsicológica”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

A Tabela 6 mostra que, no processo da avaliação neuropsicológica (PAN), 91% dos psicólogos faziam uma análise quantitativa associada à avaliação qualitativa. O restante (9%) fazia apenas uma análise quantitativa.

Princípio de Classificação 3: “Processo da Avaliação Neuropsicológica” (PAN)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>O primeiro encontro é com os pais. Faço uma anamnese pra colher dados da criança, história familiar e o perfil atual da criança, ou seja, onde está disfuncional. Depois faço uma análise qualitativa do material escolar da criança. E depois faço os testes.</i> 2. <i>Usando testes, questionários e entrevistas com a criança, com os pais, com a escola.</i> 3. <i>Primeiro faço uma entrevista com os pais. A primeira sessão com a criança, pra fazer vínculo. Então eu brinco bastante. Na segunda com a criança, é que começam os testes.</i> 4. <i>Primeiro uma entrevista, uma anamnese. Faço a definição dos testes a partir da história clínica, com base no histórico e obviamente com base no encaminhamento também.</i> 5. <i>O primeiro contato é com os pais. Faço uma anamnese. Eu procuro saber de tudo, do nascimento à idade atual da criança. E depois desta entrevista com os pais, eu marco com a criança e começo a bateria de testes.</i> 6. <i>A anamnese é a parte mais importante da avaliação. É feita uma anamnese intensa e extensa com familiares que convivem mais com o paciente e depois aplico testes pra ver os domínios cognitivos do paciente.</i> 7. <i>Inicia com entrevistas com pais, escola e a anamnese, depois os testes.</i> 8. <i>Através de testes neuropsicológicos, questionários sociocultural e socioeconômico.</i> 9. <i>Primeiro faço uma entrevista semiestruturada com um familiar junto. Nessa entrevista eu vejo se está fazendo uso de medicações, se tem alterações do comportamento, as situações marcantes nos últimos meses. Aplico os testes com o paciente [...]</i> 10. <i>[...] através de coleta de dados pelos pais, pela escola e pela própria criança. Com os pais, você tem que entender como foi o desenvolvimento desta criança, como ela se comporta, como ela é em casa e no social. Tem que entender como é a estrutura familiar... Com a criança, são feitos testes que devem ser relacionados a essas queixas.</i> 11. <i>[...] faço anamnese, que é bem extensa e, por isso, muitas vezes você já consegue ver o que vem pela frente... Faço a testagem e mais uma de devolução.</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Processo da Avaliação Neuropsicológica”	Porcentagem
a) Menciona análise quantitativa associada à análise qualitativa Respostas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 9, 10 e 11	91%
b) Menciona apenas análise quantitativa (testes) Resposta: 8	9%

Tabela 6: Tabela do princípio de classificação “Processo da Avaliação Neuropsicológica”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

Na Tabela 7, observa-se que, nos aspectos considerados na avaliação neuropsicológica (AAAN), a avaliação apenas das funções cognitivas está

presente em 55% das respostas; e as funções cognitivas associadas à avaliação qualitativa estão em 45% das respostas.

Princípio de Classificação 4: “Aspectos Avaliados na Avaliação Neuropsicológica” (AAAN)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Funções cognitivas, memória, linguagem, inteligência, percepção, raciocínio abstrato, raciocínio lógico e funções executivas.</i> 2. <i>Memória, atenção, QI, praxia, linguagem, velocidade de processamento, memória operacional.</i> 3. <i>Funções executivas, linguagem, memória de trabalho, memória de longo prazo, tempo de reação, atenção, velocidade de processamento e organização viso-espacial.</i> 4. <i>Linguagem, atenção, capacidade cognitiva global, ansiedade, contexto familiar, questões escolares, parte motora, função executiva, memória [...]</i> 5. <i>Atenção, memória, praxia construtiva, QI, lateralidade, avalia persistência motora, humor, desempenho escolar e questões familiares e escolares.</i> 6. <i>Avalia a memória, atenção, funções executivas, habilidades viso-espacial, linguagem.</i> 7. <i>Avalio aspectos cognitivos, relacionando com as questões neurológicas [...]</i> 8. <i>Atenção, memória, função executiva, memória visual-espacial, velocidade de processamento [...]</i> 9. <i>Primeiro avalio o humor. Avalio o comportamento, a história clínica e depois a parte cognitiva.</i> 10. <i>Vai depender das queixas, mas no geral avalio a capacidade de aprendizagem, a memória... Avalio o comportamento e o humor desta criança.</i> 11. <i>Além funções que são avaliados pelos testes. Eu presto muita atenção como a pessoa se comporta. Se ela balança a perna, se ela está suando, se ela esboça alguma fisionomia, se ela diz que está difícil [...]</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Aspectos Avaliados”	Porcentagem
a) Menciona apenas funções cognitivas (ex: memória, linguagem, inteligência, etc.) Respostas: 1, 2, 3, 6, 7 e 8	55%
b) Menciona funções cognitivas associadas à avaliação qualitativa Resposta: 4, 5, 9, 10 e 11	45%

Tabela 7: Tabela do princípio de classificação “Aspectos Avaliados na Avaliação Neuropsicológica”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

Com relação às informações sobre a história de vida (Tabela 8), observa-se que 55% mencionaram a utilização de roteiro semiestruturado associado à avaliação qualitativa. Esse número cai para 36% quando se trata apenas da utilização do roteiro semiestruturado, chegando a 9% em se tratando apenas da avaliação qualitativa.

Princípio de Classificação 5: “Informações sobre a História de Vida” (IHV)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Uso um roteiro que eu mesma desenvolvi, um roteiro semiestruturado.</i> 2. <i>Tenho um roteiro, semiestruturado.</i> 3. <i>Tenho um roteiro fixo, mas, aí, eu acrescento alguma coisa. Acaba sendo um roteiro semiestruturado.</i> 4. <i>Primeiro colete toda a história: o contexto atual, história da doença atual, histórico familiar, história patológica pregressa, história acadêmica, vejo se tem algum medicamento em uso, vejo os exames complementares que peço pra trazer. A primeira parte é mais solta. A segunda é uma entrevista semiestruturada.</i> 5. <i>Tenho um roteiro específico. É estruturado. Se bem que a gente sempre acaba saindo fora dele... Acaba sendo semiestruturado.</i> 6. <i>Depende de cada paciente. Na anamnese não importa quantas sessões tem que marcar com os familiares, porque quem te dá as maiores informações são esses familiares. Tem que investigar o máximo possível. Se for idoso, tem que ver as características das demências, pra ver se a pessoa te conta, se isso acontece no dia a dia...</i> 7. <i>Avalio aspectos do desenvolvimento da criança. O andar, falar, dançar, exames, questões familiares, fator genético, socialização, como lidar com os pais, como é o brincar desta criança, como ela está na escola...</i> 8. <i>Tenho um roteiro pronto, é semiestruturado. Tem perguntas que não estão nele, como: detalhes de um acidente, como foi, o que aconteceu...</i> 9. <i>A anamnese é feita com perguntas semiestruturadas com o idoso e também com o familiar. Durante a avaliação também vou colhendo informações e relacionando com os resultados dos testes. Vou escrevendo minhas observações sobre o paciente ao longo das sessões.</i> 10. <i>Uso um roteiro semiestruturado, mas, no primeiro encontro, deixo os pais falarem bastante, antes de começar a fazer um monte de perguntas. Às vezes o médico mandou com uma queixa específica, mas os pais têm outras que também são importantes...</i> 11. <i>Tem um roteiro semiestruturado... Eu quero saber tim-tim por tim-tim a vida dele. Quero saber quando começou, qual impacto disso na vida dele. Como é o impacto na vida, no humor, na vida afetiva...</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Informações sobre a História de Vida”	Porcentagem
a) Menciona apenas roteiro semiestruturado Respostas: 1, 2, 3 e 5	36%
b) Menciona que utiliza roteiro semiestruturado associado a uma avaliação qualitativa Respostas: 4, 6, 8, 9, 10 e 11	55%
c) Menciona apenas avaliação qualitativa Respostas: 7	9%

Tabela 8: Tabela do princípio de classificação “Informações sobre a História de Vida”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

Na Tabela 9, observa-se que 64% mencionaram a avaliação dos aspectos do comportamento, enquanto que 36% mencionaram também aspectos do comportamento associados a uma avaliação das alterações emocionais.

Princípio de Classificação 6: “Aspectos do Comportamento” (AC)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>A motivação, a facilidade e dificuldade de realizar as tarefas, a ansiedade...</i> 2. <i>Como ele se mexe, como ele segura a caneta, como ele interage com as coisas, como ele fala...</i> 3. <i>A impulsividade, o interesse da criança em fazer, o envolvimento dela, a atenção...</i> 4. <i>O resultado do teste só não vai dar muita informação... Tem que ver se está cansado hoje, se chegou chateado, se está ansioso...</i> 5. <i>Quando tá fazendo o teste, tem muita criança que fica perguntando: “Quando é que vai acabar? Vai demorar muito?” – Ou então a criança tá fazendo e tá mexendo em tudo que tá na mesa. Ou tá rodando na cadeira.</i> 6. <i>Observo se ele aceita instrução, ordem. Se tem dificuldade, resistência de executar a tarefa. Se se nega a ser avaliado...</i> 7. <i>Observo como a criança reage, como é quando ela perde, como é quando ela ganha, se fica dispersa.</i> 8. <i>Vejo a inquietude, a velocidade da fala, a forma de andar, as expressões faciais. Também vejo se me está sendo contraditório, por exemplo, se ele está dizendo que está feliz, mas se me parece triste.</i> 9. <i>Observo algumas mudanças de comportamentos durante a avaliação... a agressividade... se apresenta comportamentos abruptos que não são características da pessoa...</i> 10. <i>[...] eu avalio se a criança senta direito, se consegue manter sentada durante a avaliação, se presta atenção no que estou falando...</i> 11. <i>Percebo se balança a perna, se está tremendo, se está suando, vejo a postura, como está sentado...</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Aspectos do Comportamento”	Porcentagem
a) Menciona apenas avaliação de comportamentos específicos Respostas: 2, 5, 6, 7, 9, 10 e 11	64%
b) Menciona avaliação de comportamentos específicos associada a alterações emocionais Respostas: 1, 3, 4 e 8	36%

Tabela 9: Tabela do princípio de classificação “Aspectos do Comportamento”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

Observa-se na Tabela 10 que 73% das respostas apontaram a influência do comportamento no resultado da avaliação neuropsicológica. Esse número diminuiu para 18% no que se refere à influência do comportamento apenas na conduta do

profissional. Por outro lado, 9% não mencionaram a influência do comportamento na avaliação neuropsicológica.

Princípio de Classificação 7: “A Influência Comportamental na Avaliação Neuropsicológica” (ICAN)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. [...] o resultado quantitativo não diz tudo. Tem que entender a história da pessoa, observar o comportamento dela, para entender o que aquele resultado significa. 2. [...] às vezes a criança nem espera pra saber o que eu quero, e vai respondendo. E aí eu falo: Calma! 3. Acho que esses dados influenciam no resultado. Se a criança faz de qualquer jeito, vai influenciar no resultado. 4. Talvez essa seja a parte mais difícil de fazer neuropsicologia. Ver essas variáveis todas e ver como mexe nos resultados, e ver o que isso quer dizer pro dia a dia do paciente. 5. Eu atendo um menino de 6 anos e meio que estava fazendo o WISC. Ele demorou muito pra fazer o Wisc. Porque, primeiro, eu tinha que chamar ele quinhentas vezes pra ele vir. Começava o teste e ele se distraía com o ambiente. Aí eu chamava ele e ele dizia: Não vou fazer mais. Aí tinha que parar tudo, conversar com ele, e aí começar a testagem. Ou então, eu tinha que parar, brincar e voltar. 6. [...] às vezes o paciente resiste, não quer fazer as atividades... E, então, é um problema! Acaba prejudicando o resultado. Aí, coloco tudo isso no laudo... 7. [...] se a criança não se envolve na tarefa, ela pode ter uma avaliação ruim. São dados qualitativos e são relacionados com cada tarefa. 8. [...] você tem que verificar outras coisas que podem estar influenciando no resultado da avaliação. Se é algum comprometimento cognitivo ou não. 9. [...] ajuda a ver como era o paciente antes e como é hoje. Ajuda a especificar as queixas e a fazer um diagnóstico diferencial. 10. Se a criança fica ansiosa... Isso, no final, faz com que ela saia com um desempenho ruim. Mas não foi porque ela não sabia e sim porque tava com medo de errar. 11. [...] isso influencia no resultado e principalmente na forma de compreender o funcionamento dela. 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “A Influência Comportamental na Avaliação Neuropsicológica”	Porcentagem
a) Menciona alterações no resultado da avaliação neuropsicológica Respostas: 1, 3, 4, 6, 7, 8, 10 e 11.	73%
b) Menciona alterações apenas na conduta do profissional Respostas: 2 e 5.	18%
c) Não menciona a influência do comportamento na avaliação neuropsicológica Resposta: 9.	9%

Tabela 10: Tabela do princípio de classificação “A Influência Comportamental na Avaliação Neuropsicológica”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens.

Na Tabela 11, observa-se que 82% das respostas revelaram que constava uma avaliação qualitativa no laudo neuropsicológico, enquanto que 18% revelaram que constava no laudo uma avaliação qualitativa, porém com restrições.

Princípio de Classificação 8: “Consta Avaliação Qualitativa no Laudo” (CAQL)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Coloco tudo no laudo. Tem um item na minha avaliação que é avaliação qualitativa.</i> 2. <i>No meu laudo tem um item de avaliação do comportamento. Coloco tudo ali...</i> 3. <i>Coloco tudo no laudo...</i> 4. <i>[...] abaixo de cada teste vem alguns comentários sobre o que observei. E, na conclusão, é ressaltado isso.</i> 5. <i>Coloco tudo. A resistência em cumprir ordens, a demora em fazer os testes...</i> 6. <i>Coloco tudo no laudo...</i> 7. <i>No laudo tem que contar tudo.</i> 8. <i>Olha, no laudo cognitivo... Depende pra onde este laudo vai.</i> 9. <i>Nem tudo coloco no laudo. Procuo preservar o paciente. Às vezes escrevo alguma coisa de forma sutil...</i> 10. <i>Lógico. Isso faz parte da avaliação. É importantíssimo colocar tudo no laudo.</i> 11. <i>Coloco tudo no laudo.</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Consta Avaliação Qualitativa no Laudo”	Porcentagem
a) Menciona avaliação qualitativa no laudo Respostas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 10 e 11.	82%
b) Menciona, com restrições, a avaliação qualitativa no laudo Respostas: 8 e 9.	18%

Tabela 11: Tabela do princípio de classificação “Consta Avaliação Qualitativa no Laudo”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

No que se refere às falhas da avaliação neuropsicológica, a Tabela 12 mostra que 55% mencionaram a quantidade e qualidade dos testes, caindo para 27% em relação à qualidade dos profissionais, e 18% não mencionaram falhas na avaliação neuropsicológica.

Princípio de Classificação 9: “Falhas da Avaliação Neuropsicológica” (FAN)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Falta mais testes padronizado, né? Falta testes com normas pra população brasileira. A gente importa muita coisa de fora e adaptamos, mas não temos muitos estudos nossos.</i> 2. <i>Alguns testes poderiam avaliar melhor. Poderiam ser revistos e lançados novos, a gente tem pouco no mercado.</i> 3. <i>Temos poucos testes, pouca variedade...</i> 4. <i>[...] os instrumentos não têm aquela validade ecológica, aquele correlato com o dia a dia que a gente esperava que tivesse...</i> 5. <i>[...] acho que, dentro do objetivo que a gente tá procurando, ela cumpre o seu papel...</i> 6. <i>É não ter testes validados para nossa população em modo geral. Não tem validação para analfabetos, não tem quase testes neuropsicológicos validados pra criança...</i> 7. <i>Pra fazer avaliação neuropsicológica tem que ter uma boa formação de como olhar, como relacionar e ter conhecimento neuroanatômico. Deveria haver uma melhora no currículo das faculdades...</i> 8. <i>Testes normatizados pra população brasileira.</i> 9. <i>Existe um desconhecimento de alguns profissionais.</i> 10. <i>[...] fico me perguntando sobre a qualidade dos profissionais que se formam e que fazem a avaliação. Deveria ser melhor a formação. E além disso, ter alguma forma de fiscalização.</i> 11. <i>Se tem, eu não consigo perceber. O teste só me confirma as impressões que tive na anamnese. Então, eu acho que não tem nenhuma falha.</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Falhas da Avaliação Neuropsicológica”	Porcentagem
a) Menciona a quantidade e qualidade dos testes disponíveis Respostas: 1, 2, 3, 4, 6, 8.	55%
b) Não menciona falhas na avaliação neuropsicológica Respostas: 5 e 11.	18%
c) Menciona a qualidade dos profissionais Respostas: 7, 9 e 10.	27%

Tabela 12: Tabela do princípio de classificação “Falhas da Avaliação Neuropsicológica”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

A Tabela 13 nos mostra que a avaliação da memória era realizada apenas por testes quantitativos (100%).

Princípio de Classificação 10: “Avaliação da Memória” (AM)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Uso muito o WISC III, a lista de palavras e a figura de Rey.</i> 2. <i>Pra criança, eu uso muito o WISC III. Pra adolescente, uso muito o Rey verbal, o Buschke e o F.A.S.</i> 3. <i>RAVLT pra memória auditiva e Figura de Rey pra memória visual.</i> 4. <i>[...] a figura de Rey, a lista de palavras de Rey, a bateria Wechsler – o WRAML, que não existe aqui... mas a gente usa aqui alguns subtestes. Pra adulto, a gente usa a lista de palavras, usa a figura complexa de Rey, o teste de retenção visual de Bender e a bateria Weschsler de memória pra adultos...</i> 5. <i>RAVLT</i> 6. <i>[...] o RAVLT a gente usa, mas ele não tem validação para menor que adolescente. Então, pra criança, é uma questão mais difícil avaliar a memória. Avalio mais voltado pro WISC-III. E o adulto pode usar o RAVLT, memória lógica... E para memória não verbal, uso memória de figuras.</i> 7. <i>Criança eu uso o WRAML, WISC-III, RAVLT, Rey. Adulto uso o RAVLT, dígitos, WAIS-III e a memória de figuras.</i> 8. <i>Rey verbal, seqüências de números e letras, Span dígitos e Buschke.</i> 9. <i>Rivermind [teste de memória da face]. Uso também o teste de memória e aprendizagem RAVLT. Figuras de REY e o WAIS-III.</i> 10. <i>TEPIC-M, RAVLT e figura de Rey</i> 11. <i>RAVLT, roubo dos biscoitos e dígitos</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Avaliação da Memória”	Porcentagem
a) Menciona apenas testes quantitativos Respostas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11	100%

Tabela 13: Tabela do princípio de classificação “Avaliação da Memória”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

No que se refere à avaliação da fluência verbal, observa-se, na Tabela 14, que 82% mencionaram apenas avaliação quantitativa, enquanto que 18% mencionaram a avaliação quantitativa associada à avaliação qualitativa.

Princípio de Classificação 11: “Avaliação da Fluência Verbal” (AFV)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Uso o F.A.S. mesmo.</i> 2. <i>Uso o F.A.S., a bateria MAC também. Ah! Isso é mais meu, mas eu peço pra meu paciente ler um texto e me contar a história verbalmente. Depois peço pra escrever também. Isso é mais meu, sabe? Eu tenho uma cartelinha com umas letras... eu peço pra ler, pra saber se troca letra.</i> 3. <i>F.A.S. e testes verbais do WISC-III</i> 4. <i>Fluência verbal a gente usa, animais, frutas e F.A.S. De linguagem, tem aquele teste também, o Fisher, a bateria MAC, Boston.</i> 5. <i>F.A.S.</i> 6. <i>Uso a categoria semântica e o F.A.S.</i> 7. <i>Pra crianças, uso o F.A.S., animais, roupas, frutas e o teste de desempenho escolar. Pra adultos, uso também o F.A.S, animais e também o supermercado do MATTIS.</i> 8. <i>F.A.S.</i> 9. <i>Uso o sub-teste de vocabulário do WAIS-III/.</i> 10. <i>F.A.S., uso também o teste de desempenho escolar, que nos dá algum dado sobre a leitura. E também peço pra que leia um texto, pra ver como ela lê.</i> 11. <i>F.A.S.</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Avaliação da Fluência Verbal”	Porcentagem
a) Menciona apenas testes quantitativos Respostas: 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9 e 11.	82%
b) Menciona testes quantitativos associados a uma avaliação qualitativa Respostas: 2 e 10	18%

Tabela 14: Tabela do princípio de classificação “Avaliação da Fluência Verbal”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

Observa-se, na Tabela 15, que a avaliação da atenção era realizada apenas por testes quantitativos (100%).

Princípio de Classificação 12: “Avaliação da Atenção” (AA)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. TAVIS-3 e o WISC-III também. 2. Pra avaliar a atenção, eu uso o TAVIS-3 e o Wisconsin. 3. TAVIS-3, WISC-III e Stroop. 4. WISC-III, TAVIS-3, o CPT (Continuous Performance Test) e o Stroop. 5. [...] uso o cancelamento de sinos e o D2. 6. WISC- III ou WAIS-III, teste D2 e o teste Atenção concentrada (AC). 7. Pra criança, uso o Stroop, o Trail Making e WISC-III. Pra adulto, uso o MATTIS e WAIS-III. 8. Stroop, teste de sino, trilhas e cubos. 9. WAIS-III, Atenção concentrada (AC). AC 15, TEDIF 1, 2 e 3. 10. [...] TAVIS-3 e uso o WISC-III ou o WAIS-III, dependendo da idade. Também uso o D2. Mesmo não sendo padronizado, uso de vez em quando o Stroop e Trilhas A e B. 11. Stroop, Toulouse e D2. 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Avaliação da Atenção”	Porcentagem
a) Menciona apenas testes quantitativos Respostas: 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10 e 11.	100%

Tabela 15: Tabela do princípio de classificação “Avaliação da Atenção”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

No que se refere à avaliação da compreensão verbal, observa-se, na Tabela 16, que 55% mencionaram apenas testes quantitativos, enquanto que 45% mencionaram os testes associados a uma avaliação qualitativa.

Princípio de Classificação 13: “Avaliação da Compreensão Verbal” (ACV)	
Respostas:	
<ol style="list-style-type: none"> 1. <i>O WISC-III e, dependendo da idade, eu dou um texto e peço a ele pra ler e interpretar oralmente e escrito.</i> 2. <i>Uso o WAIS-III e o WISC-III, e o texto, que dá pra ver se compreendeu ou não.</i> 3. <i>WISC-III e peço também pra contar uma história ou eu leio uma história pra ver o que ele entendeu. Também faço ditado.</i> 4. <i>Tem o teste do WISC-III e do WAIS-III, tem o teste de Fisher, que é bem interessante. E também avalio qualitativamente. Utilizo textos, ou tarefas que eu mesmo crio. Isso com criança e com adulto.</i> 5. <i>Compreensão verbal o WISC-III já dá. A gente usa outros pra confirmar, né? Uso o roubo dos biscoitos. Nele também dá pra ver escrita, organização e planejamento.</i> 6. <i>Pra criança, uso WISC-III pra tudo. E pra adulto, uso o Token Test.</i> 7. <i>Uso o WISC-III pra criança e o WAIS-III pra adulto.</i> 8. <i>Tenho usado a bateria MAC.</i> 9. <i>WAIS- III.</i> 10. <i>O WISC-III e o WAIS-III avalia a compreensão verbal. Também uso o mesmo texto que dei pra ver a leitura, pra ver se compreendeu o que leu. Além disso, dá pra ver durante a avaliação se a criança consegue compreender as instruções que você dá.</i> 11. <i>WAIS-III.</i> 	
Conjunto de categorias relacionadas ao princípio de classificação “Avaliação da Compreensão Verbal”	Porcentagem
a) Menciona apenas testes quantitativos Respostas: 5, 6, 7, 8, 9 e 11.	55%
b) Menciona testes quantitativos associados a uma avaliação qualitativa Respostas: 1, 2, 3, 4 e 10.	45%

Tabela 16: Tabela do princípio de classificação “Avaliação da Compreensão Verbal”, seu conjunto de categorias e suas respectivas porcentagens

4.3 Discussão

A investigação qualitativa atua em níveis de realidade nos quais os dados se apresentam aos sentidos e tem como objetivo trazer à luz fenômenos, indicadores e tendências observáveis. Ela é apropriada para aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos a indivíduos e

grupos. Portanto, está relacionada à intuição, à exploração e ao subjetivismo. Nesse contexto, o termo “subjetivo”, segundo Flick (2009), refere-se ao fato de os indivíduos possuírem uma reserva complexa de conhecimento sobre o tópico em estudo. Esse conhecimento inclui suposições que são explícitas e imediatas, e que podem ser expressas pelos indivíduos de forma espontânea, ao responderem a uma pergunta aberta, sendo estas complementadas por suposições implícitas.

Por essa razão, os métodos qualitativos consideram a comunicação do pesquisador em campo como parte explícita da produção de conhecimento, em vez de simplesmente encará-la como uma variável a interferir no processo. A subjetividade do pesquisador, bem como daqueles que estão sendo estudados, tornam-se parte do processo de pesquisa. As reflexões dos pesquisadores sobre suas próprias atitudes e observações em campo, suas impressões, irritações, sentimentos, etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação; e são, portanto, documentadas. A pesquisa qualitativa, então, torna-se – ou está ainda mais fortemente ligada a – uma postura específica baseada na abertura e na reflexividade do pesquisador (Flick, 2009).

De acordo com o parágrafo acima, foi elaborada uma tabela onde constam as impressões sobre a colaboração e engajamento de cada psicólogo durante a entrevista semiestruturada. Abaixo é apresentada a Tabela 17, que contém esses dados.

Psicólogos	Impressões
1	Colaborativo, muito objetivo.
2	Colaborativo, objetivo.
3	Colaborativo, reticente, inseguro em suas respostas.
4	Colaborativo, seguro em suas respostas, desenvolvendo bem o assunto.
5	Colaborativo, pouco seguro nas suas respostas, ênfase na abordagem quantitativa.
6	Colaborativo, seguro em suas respostas, domínio da teoria neuropsicológica.
7	Colaborativo, objetivo.
8	Colaborativo, domínio da teoria no que se refere a seu público-alvo (idosos).
9	Colaborativo, seguro em suas respostas, recusou gravação da entrevista.
10	Colaborativo, objetivo, seguro em suas respostas.
11	Colaborativo, domínio da teoria neuropsicológica.

Tabela 17: Impressões sobre a colaboração e engajamento de cada psicólogo durante a entrevista semiestruturada

A partir do quadro acima, pôde-se perceber que a maioria dos psicólogos foi objetivo em suas respostas, não desenvolvendo muito o tema proposto. Esta conduta revela medo de se comprometerem com suas opiniões. Desta forma, a impressão que se tem, é que eles não estavam a vontade em discutir o tema, talvez pela entrevistadora ser uma profissional da área.

Na pesquisa qualitativa, os dados coletados tornam-se a base do trabalho interpretativo e das inferências feitas pelo pesquisador. Para facilitar a compreensão interpretativa desses dados, a Tabela 18 apresenta, de forma resumida, os conjuntos de categorias e os correspondentes percentuais, extraídos das entrevistas realizadas com os 11 psicólogos que fazem avaliação neuropsicológica. Ela é composta de 13 princípios de classificação divididos em 31 categorias, das quais 27 abordam resultados apenas quantitativos, qualitativos, ambos os resultados e outras respostas. As quatro categorias restantes dizem respeito à demanda da avaliação neuropsicológica que cada profissional entrevistado recebe na clínica. Os resultados extraídos da tabela abaixo, segundo o princípio geral do trabalho, foram:

- Presença apenas da avaliação qualitativa (AQ);
- Presença apenas da avaliação quantitativa (AQte);
- Presença de ambos os aspectos (AA) e
- Outras respostas (OR).

Em relação à análise da demanda da avaliação neuropsicológica (princípio de classificação “Demanda”) que cada profissional recebe, foram observados os seguintes resultados:

- Apenas dificuldade de aprendizagem;
- Dificuldade de aprendizagem e queixa de memória ou déficit de atenção;
- Apenas queixa de memória; e
- Apenas déficit de atenção.

Considerando a Tabela 18, observa-se que, no princípio de classificação Funções Principais da Avaliação Neuropsicológica (FPAN), 36% das respostas dos entrevistados mencionaram a avaliação qualitativa. Esse resultado

provavelmente se deve ao fato de os psicólogos perceberem outras prioridades além da avaliação qualitativa. Suponho que isso ocorra em função da formação dos profissionais. Acredito que tanto os cursos de graduação, quanto os de pós-graduação em neuropsicologia enfatizem a abordagem quantitativa, em detrimento da abordagem qualitativa. Isso talvez ocorra por acreditarem que a abordagem quantitativa seja mais confiável, avaliando melhor o indivíduo.

Em relação ao princípio de classificação Aspectos Avaliados na Avaliação Neuropsicológica (AAAN), o percentual da presença da avaliação qualitativa foi de 45%. Isso ocorreu, talvez, porque existe um direcionamento para avaliação de determinadas funções cognitivas, já que muitas vezes o paciente vem encaminhado por um médico especialista (psiquiatras e neurologistas).

Em se tratando do princípio de classificação Informações sobre a História de Vida (IHV), este percentual é de 64%, talvez por existirem poucos instrumentos quantitativos de avaliação sobre a história de vida do paciente.

Apenas 36% das respostas analisaram as alterações emocionais na avaliação qualitativa do comportamento, segundo o princípio de classificação Aspectos do Comportamento (AC). Esse resultado pode, talvez, estar relacionado ao fato de as alterações emocionais serem manifestações mais sutis, portanto, mais difíceis de serem avaliadas.

Com base no princípio de classificação Influência do Comportamento na Avaliação Neuropsicológica (ICAN), observou-se que 73% das respostas mencionaram que o comportamento do indivíduo que está sendo avaliado influencia diretamente no resultado da avaliação neuropsicológica. Acredito que esse percentual talvez esteja relacionado ao fato de os psicólogos considerarem apenas comportamentos manifestados sem alterações emocionais.

De acordo com o princípio de classificação Consta Avaliação Qualitativa no Laudo (CAQL), 82% das respostas mencionaram que a avaliação qualitativa estava presente no laudo. Provavelmente, como foi visto no parágrafo anterior, os psicólogos mencionaram no laudo o comportamento que estava sendo avaliado porque acreditavam que ele influenciaria no resultado na avaliação neuropsicológica.

No princípio de classificação Falhas da Avaliação Neuropsicológica (FAN), o percentual que se refere à qualidade dos profissionais é de 27%, provavelmente porque existem outras falhas que justificam este percentual baixo. Baseado nas respostas anteriores, a abordagem quantitativa parece ser mais confiável para os psicólogos, do que a qualitativa. Dessa maneira, as principais falhas apontadas foram relacionadas aos poucos testes neuropsicológicos padronizados para a população brasileira.

Ainda de acordo com a Tabela 18, em relação ao princípio de classificação Processo de Avaliação Neuropsicológica (PAN), apenas 9% das respostas mencionaram a análise quantitativa. Em contrapartida, 91% das respostas dos entrevistados, mencionaram utilizar tanto a abordagem quantitativa, quanto a qualitativa, no processo da avaliação neuropsicológica. Esse resultado pode estar relacionado ao fato de que todas as respostas que não mencionaram uma avaliação quantitativa foram interpretadas como fazendo parte de uma abordagem qualitativa.

Em relação à análise da Avaliação da Memória (AM) e da Avaliação da Atenção (AA), 100% das respostas dos entrevistados mencionaram o uso apenas de uma avaliação quantitativa. No que se refere à Avaliação da Fluência Verbal (AFV), o percentual foi de 82%. Ambos os resultados são altos, provavelmente, pelo fato de os profissionais darem maior credibilidade aos testes quantitativos do que a formas qualitativas de avaliação.

Na Avaliação da Compreensão Verbal (ACV), 55% das respostas dos entrevistados mencionaram a aplicação de testes quantitativos, em comparação a 45% que mencionaram utilizar ambas as abordagens. Provavelmente este último percentual está relacionado a uma avaliação qualitativa da compreensão verbal de forma indireta, na própria instrução dos testes.

Considerando, como objetivo geral do trabalho, averiguar a presença da avaliação qualitativa na avaliação neuropsicológica, observou-se que, entre os conjuntos de categorias criados, 33% (9 categorias) referiam-se apenas à avaliação qualitativa (AQ), enquanto que 22% (6 categorias) estavam relacionadas apenas à avaliação quantitativa (AQte). Referiram ambos os aspectos (AA) 11% (3 categorias); e em 33% (9 categorias) foram consideradas outras respostas (OR).

Analisando a demanda da avaliação neuropsicológica (D) que cada profissional recebe, observou-se que 25% (1 categoria) se referiam apenas à dificuldade de aprendizagem; 25% (1 categoria) se referiam à dificuldade de aprendizagem e queixa de memória ou déficit de atenção; 25% (1 categoria) se referiam apenas à queixa de memória; e 25% (1 categoria) se referiam apenas ao déficit de atenção.

Embora a pesquisa qualitativa seja a base deste trabalho, vale ressaltar que ela ainda é fortemente voltada para a metodologia quantitativa (Flick, 2009). Talvez esta tenha sido a maior dificuldade encontrada, visto que foi necessário classificar respostas tão diversas.

Princípios de classificação	Conjunto de Categorias	Percentuais
D	1. Menciona apenas dificuldade de aprendizagem	22%
	2. Menciona dificuldade de aprendizagem e queixa de memória ou déficit de atenção	36%
	3. Menciona apenas queixa de memória	27%
	4. Menciona apenas desatenção	9%
FPAN	5. Menciona apenas diagnóstico diferencial (OR)	27%
	6. Menciona apenas avaliação qualitativa (AQ)	9%
	7. Menciona apenas perfil cognitivo(OR)	36%
	8. Menciona diagnóstico diferencial e avaliação qualitativa (AQ)	27%
PAN	9. Menciona análise quantitativa e análise qualitativa (AA)	91%
	10. Menciona apenas análise quantitativa (AQte)	9%
AAAN	11. Menciona apenas funções cognitivas (OR)	55%
	12. Menciona funções cognitivas e avaliação qualitativa (AQ)	45%
IHV	13. Menciona apenas roteiro semiestruturado (OR)	36%
	14. Menciona roteiro semiestruturado e avaliação qualitativa (AQ)	55%
	15. Menciona apenas avaliação qualitativa (AQ)	9%
AC	16. Menciona apenas avaliação de comportamentos específicos (OR)	64%
	17. Menciona avaliação de comportamentos específicos e alterações emocionais (AQ)	36%
ICAN	18. Menciona alterações no resultado da avaliação neuropsicológica (AQ)	73%
	19. Menciona alterações apenas na conduta do profissional (OR)	18%
	20. Não menciona a influência do comportamento na avaliação neuropsicológica (OR)	9%

CAQL	21. Menciona avaliação qualitativa no laudo (AQ)	82%
	22. Menciona, com restrições, avaliação qualitativa no laudo (OR)	18%
FAN	23. Menciona a quantidade e qualidade dos testes disponíveis (AQte)	55%
	24. Não menciona falhas na avaliação neuropsicológica (OR)	18%
	25. Menciona qualidade dos profissionais (AQ)	27%
AM	26. Menciona apenas testes quantitativos (AQte)	100%
AFV	27. Menciona apenas testes quantitativos (AQte)	82%
	28. Menciona testes quantitativos e avaliação qualitativa (AA)	18%
AA	29. Menciona apenas testes quantitativos (AQte)	100%
ACV	30. Menciona apenas testes quantitativos (AQte)	55%
	31. Menciona testes quantitativos e avaliação qualitativa (AA)	45%

Tabela 18: Resumo do conjunto de categorias e seus respectivos percentuais